
MOSAICO DE MOLÉSTIAS: PANORAMA DA PESTILÊNCIA HUMANA NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

MOSAIC OF ILLNESSES: PANORAMA OF THE HUMAN PESTILENCE IN THE POETICS OF AUGUSTO DOS ANJOS



Dossiê

Modernismos e modernidades na
literatura e nas artes

Organizadores:

Dra. Juliana Mantovani



Dr. Sidney Barbosa



Dr. Rémy Lucas



v. 31, n. 59, ago. 2022
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 25/02/2022

Aprovado em: 22/08/2022

Distribuído sob



Daniela Galdino Nascimento

galdinoacademica@gmail.com

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2005) e Licenciatura em Letras - Habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1999). É Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, atuando na graduação e pós-graduação em Letras (campus XX, Brumado).

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente artigo volta-se à restituição de Augusto dos Anjos no cenário dos estudos literários contemporâneos, visto ainda ser lacunar a atenção voltada aos seus escritos. A discussão lança foco sobre a linguagem da obra *EU*, cuja primeira publicação se deu no ano de 1912 em meio ao contexto de euforia das elites brasileiras com os ideais de progresso. Analisamos como o *EU* destoou do imaginário em torno da modernidade compulsória própria do entre-séculos XIX e XX, resultando no afastamento da crítica literária à época. Destacamos a importância do mergulho na textualidade augustiana, o que realizamos a partir de análises das representações das moléstias e da morte, esta considerada como tema-chave da existência humana.

Augusto dos Anjos; poesia; pestilência; morte; modernidade.

This article turns to the restitution of Augusto dos Anjos to the scene of contemporary literary studies, since it still lacks the attention given to his writings. The discussion focuses on the language of the work *EU*, whose first publication took place in 1912 amidst the context euphoria of Brazilian elites with the ideals of progress. We have analyzed “*EU*” was out of step with the imaginary surrounding the compulsory modernity typical of the 19th and 20th centuries, resulting in the alienation of literary criticism at the time. We highlight the importance of immersing in the Augustian textuality, which we have done based on analyzes of the representations of illnesses and death, being the late considered a key theme of human existence.

Augusto dos Anjos, poetry, pestilence, death, modernity.

***EU* na berlinda: incômodos no alvorecer da modernidade à brasileira**

A poética de Augusto dos Anjos, desde o impacto causado pela primeira edição do *EU*, em 1912, ainda tem sido alvo de interpretações equivocadas que apresentam como pano de fundo a influência de um modelo estético fundado no caráter equilibrante da obra de arte. Não raro foram os intelectuais brasileiros consagrados que se debruçaram sobre tão polêmica obra, porém, quase sempre incorrendo numa contradição que desperta a observação mais atenta. Da incompreensão – e desvalorização – que acompanha o surgimento do *EU* no cenário brasileiro, chega-se, décadas depois, à revisão de conceitos e certo reconhecimento da qualidade estética da referida obra.

É perceptível o esforço intelectuais brasileiros em tecer elogios a Augusto dos Anjos e apontar a impossibilidade de a crítica literária compreender o *EU*, mas há, por outro lado, o erro de considerar a obra como expressão de um caso patológico ou revelação de cunho autobiográfico – o que, nessa perspectiva, diminuiria o valor estético e a pretensa universalidade. Estão incluídos nessa vertente nomes como Gilberto Freyre, João Felipe de Sabóia Ribeiro, Órris Soares, Antônio Torres, Agripino Grieco, José Lins do Rego e até mesmo Luiz Costa Lima, ou seja, sujeitos inseridos em épocas e formações discursivas distintas. Ressaltamos o entendimento de que tal abordagem promove um afastamento categórico do caráter poético, embora represente, de algum modo, contributo à demarcação da trilha que possa indicar um caminho mais adequado ao entendimento da poética augustiana.

No quadro de citações que apresentamos a seguir é possível estabelecer uma análise comparativa e exemplificar os elementos recorrentes na análise do *EU*. Para tanto, destacam-se observações feitas pelos críticos Órris Soares e Antônio Torres – por estarem situados num momento próximo à primeira edição do único livro publicado em vida pelo paraibano Augusto dos Anjos – e também Gilberto Freyre e Luiz Costa Lima – inseridos numa fase de renovação da crítica ao *EU*. Observemos atentamente os movimentos dos referidos intelectuais

brasileiros nos seus diálogos com a poética desafiadora de Anjos:

As excentricidades dos acordes lúgubres de seu plectro levaram cultores de belas letras a incriminá-lo de extravagante, como se o caso do seu afastamento das normas vezeiras no Brasil o incompatibilizasse com a grande razão da poesia (SOARES *apud* BUENO, 1994, p. 69).

Entendo que a crítica não deve ser confundida com os gabinetes de anatomia, nem foi feita para ostentar monstruosidades. A sua missão é apontar para a Belleza, cultuando o heroísmo daqueles que souberam obectival-a, principalmente em um meio ingrato e inospito como o nosso, em que os gelos polares da indiferença, quando não das garrochas do sarcasmo, são o galardão que obtêm os que nasceram marcados pela fatalidade dos sonhos e das abstrações. Critica systemáticamente demolidora façam-na os hepáticos, os hypocondriacos, os invejosos e os despeitados (*sic*) (TORRES, 1941, p. 9).

Pensar, no Brasil, é uma espécie de pecado intelectual. É uma revolta contra a natureza tropical e contra o ritmo da vida (FREYRE *apud* BUENO, 1994, p. 78).

É certo que muito da resistência contra a estética do feio, de que o *EU* é o primeiro exemplo brasileiro, foi rompida pelo des congestionamento da linguagem rarefeita praticada pelo Modernismo. Mesmo essa quebra não seria bastante para trazer o leitor culto à sua procura (LIMA, 1991, p. 234).

Tais reflexões revelam-nos que o des pontar da obra *EU* no cenário das letras brasileiras estremeceu modelos em voga no entreséculos XIX-XX, seja no plano estético, seja no social. Não seria hiperbólico afirmar que a poética de Augusto dos Anjos pode ser considerada como negação de um modelo secular cujos reflexos ainda estão cristalizados no imaginário ocidental: a aproximação entre estética literária, padrões de linguagem, perfeição da forma, conteúdo lírico e imagens equilibrantes – modelo esse assimilado e reproduzido por inúmeros autores brasileiros, sobretudo os árcades (em contexto de produção anterior ao de Augusto dos Anjos) e parnasianos (cujas influên-

cias ainda se faziam perceptíveis no crepúsculo oitocentista e alvorecer do século XX). Nesse sentido, a estreia editorial de Augusto dos Anjos desajustou o que se aceitava como poético e, a partir de tal demolição, recompôs destroços e inaugurou uma poesia com elementos de choque. Mas isso não lhe pareceu ser o bastante, pois Anjos jogou com as possibilidades de aniquilamento da pureza e do ideal de se viver imune às constantes formas de degradação.

Vale acrescentar, a partir do que demonstram Soares *apud* Bueno (1994), Torres (1941), Freyre *apud* Bueno (1994) e Lima (1991), que a incompreensão inicial da poesia de Augusto dos Anjos não foi um fenômeno dissociado do contexto social e cultural brasileiro. O contexto de publicação do *EU* é marcado pela ânsia das elites em fazer o Brasil integrar-se definitivamente ao cenário de desenvolvimento imposto pela mentalidade europeia. Isso significa dizer que o país havia superado a condição oficial de colônia portuguesa e atingido autonomia política, porém, era preciso resolver o dilema histórico da dependência e construir uma imagem de nação vinculada à noção de progresso - o que, contraditoriamente, só poderia ser realizado com a aproximação dos modelos estrangeiros. Nesses termos, a ideia de ordem passou a ocupar espaço de destaque no imaginário das elites brasileiras, o que certamente repercutiu nas formas de criação e recepção literárias (Cf. SEVCENKO, 1998).

Ainda em diálogo com Sevcenko (1998) é importante observar, com relação à intelectualidade brasileira, que se tinham constituído gerações cuja formação acadêmica se deu exclusivamente em universidades europeias. No entanto, com a solidificação das Faculdades de Direito (Recife e São Paulo) e de Medicina (Rio de Janeiro e Salvador) e a repercussão da revolução científico-tecnológica, cuja principal expressão foi a entrada do dito “bando de ideias novas¹” no país, explicitou-se

a influência dos modelos liberal e social-darwinista, o que refletiu, inclusive, na literatura. Ainda que tal observação seja importante, isso não significa que havia um *clima* propício à recepção da poesia de Augusto dos Anjos, pelo menos por parte da elite letrada².

Necessário observar que, mesmo sendo geradoras de revelações a respeito dos equívocos da crítica literária brasileira, dos quais esses intelectuais pretendem se afastar, as observações de Órris Soares, Antônio Torres, Gilberto Freyre e Luiz Costa Lima recaem num engano: a vertente determinista-biográfico-psicologista (Cf. HELENA, 1977). Os críticos em questão incorrem no erro cometido pelos que, como o próprio poeta Olavo Bilac, na impossibilidade de aceitar/reconhecer o valor estético do *EU*, aproximam-no do resultado de uma personalidade doentia. A fim de aprofundar a composição desse panorama da crítica, trazemos mais um bloco de diálogos entre os mesmos sujeitos que se debruçam sobre a poética augustiana, a partir do qual fica mais evidente a perspectiva determinista-biográfico-psicologista:

Foi magro meu desventurado amigo (...) A boca fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste de **olhar doente de tristura** e nos lábios a crispação de demônio torturado (...) nascera sofredor (SOARES *apud* BUENO, 1994, p. 60, grifos nossos).

(...) Era um **poeta extranho**, *sui generis*, no Brasil (sic) (...) (TORRES, 1941, p. 7, grifos nossos).

O seu ‘Eu’ pouco mais foi do que um conjunto de **impressões e ideias de um mundo sentido e considerado através de órgãos doentes**, de um sistema nervoso de tísico, de olhos arregalados e de olfato e ouvidos aguçados pela tísica e pela falta de sono (FREYRE *apud* BUENO, 1994, p. 78, grifos nossos).

1 Segundo o crítico Nicolau Sevcenko (1998), tal expressão foi criada pelo jurista Tobias Barreto.

2 Quando Augusto dos Anjos publicou o *EU*, em 1912, no Rio de Janeiro, os ideais de progresso já estavam consolidados; e a sua principal materialização, a reforma urbana e sanitária da capital do país, já havia *vencido* a intensa batalha da resistência popular. Tal intervenção estava configurada como modelo para as principais cidades do país, a exemplo do Recife habitado pelo poeta.

(...) sua **desgraça pessoal** encontra uma justificação nas explicações evolucionistas, ao mesmo tempo que servia de fonte para sua rebeldia contra o poema tradicional. Sua sensibilidade para a visão da miséria, estimulada pela tuberculose, pela decadência da própria família e por seu problema com a sexualidade, vinha a ser interpretada, nos termos do evolucionismo, como o resultado do clima e da degenerescência humana (LIMA, 1991, p. 233, grifos nossos).

Os grifos nas citações acima revelam o ponto de conexão entre as reflexões de Soares, Torres, Freyre e Lima, muito embora seja necessário reconhecer os seus diferentes percursos de pensamento. No que apontamos como confluências na abordagem da poética de Augusto dos Anjos, encontramos, nesse mosaico de falas, um **“poeta estranho com olhar de tristeza que, a partir da sua desgraça pessoal, revela poeticamente impressões e ideias de um mundo sentido e considerado através de órgãos doentes”**. Não pretendemos fazer coro com as análises que, ainda indiretamente, consideram Augusto dos Anjos como uma confirmação determinista, um interessante caso patológico ou autor cuja obra se constitui como impressionante exceção no *plácido* panorama da Literatura Brasileira. Percorrendo outras veredas direcionamo-nos às análises dos possíveis efeitos de sentido gerados pelas imagens que compõem o universo artístico subsumado no *EU*. Ademais, temos uma sintonia com as observações feitas por Fausto Cunha, Lúcia Helena, Alexei Bueno e, em certos aspectos, Ivan Cavalcanti Proença³ porque, em seus percursos críticos, tais sujeitos priorizam a análise do poético. Ainda assim, desenvolvemos um caminho que resguarda o direito de realizar afastamentos – ainda que sutis – mesmo daqueles com os quais estabelecemos concordâncias.

Augusto dos Anjos é aqui considerado como um poeta do cotidiano que atinge graus de abstração e indagações sobre dramas coletivos – porque existenciais. A partir de tal pers-

pectiva entendemos que a resistência à obra de Augusto dos Anjos, a crítica equivocada ou até mesmo a tentativa biografizante de interpretação da sua poética podem figurar como uma estratégia de não identificação com esse universo, na medida em que se tende a considerá-lo como revelação de um *malogro individual*. Individualizar a orquestração poética do horror de existir, elemento que caracteriza a poética augustiana, talvez seja um atalho para justificar os afastamentos estéticos desse universo tão desafiador e perturbador que é a obra *EU*.

Nesse sentido, a morte, considerada como tema-chave da existência humana, vem a ser o núcleo do presente estudo, porém, ressaltando-se que “na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos (...) os seres humanos sabem, e assim a morte se torna um problema para eles”, como analisa Norbert Elias (2001, p. 12), em *A Solidão dos Moribundos*. Devido à condição social ocidental, que impõe o encobrimento da finitude humana individual, “morrer é no presente uma situação amorfa, uma área vazia no mapa social” (p. 12). É desse vazio que se nutre o universo estético augustiano.

A análise das representações da morte na poética de Augusto dos Anjos permite o afastamento dos estereótipos ligados à sua figura, pois, nessa trajetória experienciada, a morte não é apresentada por si só: em torno dela equilibram-se seres e lugares redimensionados. Podemos afirmar que a obra *EU* nos traz uma reflexão a respeito do desacerto poético no contexto da modernidade. Nos estudos que realizamos, consideramos que o *EU* representa a seleção considerada por Augusto dos Anjos como mais adequada para os propósitos de uma publicação. Aqui está respeitada a referida opção, sem, obviamente, desmerecer os demais poemas que posteriormente passaram a estar ao alcance do grande público em diversas edições póstumas acrescidas de subtítulos tais como “outros poemas”.

Ao afastarmo-nos das abordagens usuais, consideramos a linguagem poética e ob-

3 O crítico M. Cavalcanti Proença também realiza estudo que prioriza o caráter poético, porém, a sua opção é pela análise dos aspectos formais da poesia de Augusto dos Anjos, o que não vem a ser o centro do nosso interesse.

servamos os caminhos percorridos pelo artista na tentativa de encontrar um lugar para o *não-familiar* e tornar visível uma realidade incômoda: a morte enquanto experiência coletiva. Encontrar um lugar para o *não-familiar* significa aproximar uma realidade conflitante a um referencial comum ao sujeito criador. No caso do universo poético de Augusto dos Anjos, notamos que essa ancoragem se dá por meio da linguagem e aspectos próprios das ciências naturais, visto ter sido o poeta reconhecido leitor de Darwin, Spencer e, principalmente, Haeckel. Daí a morte ser ancorada no evolucionismo, pois é retratada pelo reconhecimento da sua inevitabilidade e materialidade. A partir do momento em que tais elementos são reconfigurados na criação poética, tais palavras, convertidas em imagens, são recriadas e recriam a realidade. Afinal, “o vocabulário de Augusto não é da ciência, nem da técnica. A pátria deste léxico é a força vigorosa que o instaura: a linguagem” (HELENA, 1977, 40). Nesse sentido, ainda que tenhamos optado por um caminho diverso do escolhido pelo estudioso M. Cavalcanti Proença, está respeitada a sua observação acerca da densidade da poesia de Augusto dos Anjos, segundo a qual, as palavras oriundas do contexto científico e que compõem esse universo poético, “passam do terreno lúcido para o encantatório” (PROENÇA, 1973, p 140) e envolvem leitoras/es.

Augusto dos Anjos, como criador, se insere nessa luta constante em que a angústia passa a ser uma marca da constituição poética: a angústia explicitada na falência do verbo, pois nem sempre a linguagem humana estará à altura de representar os horrores da realidade. Nesses termos, por ser um observador agudo, o poeta constitui um universo que representa a podridão social e existencial nos seus mínimos detalhes, provindo daí a opção em percorrer os recônditos errôneos - quase imperceptíveis a olhos nus - habitados por seres microscópicos, ditos “operários das ruínas”. Destaca-se, também, a sua identificação com formas que estacionaram no primeiro estágio do desenvolvimento: seres aparentemente insignificantes. No entanto, figuras que se revoltam diante da condição que lhes foi imposta e, das galerias subterrâneas, vêm promover a ruína como manei-

ra de criar uma espécie de ajuste de contas. Assim, instala-se a imagem de cidade que vai sendo tomada nas entranhas pelos agentes da destruição.

Outro aspecto que se evidencia no *EU* é a composição de um mosaico de moléstias, indicando pelo menos dois elementos: a rota da pestilência humana, destino todo pintado de imperfeições; e a impossibilidade de cura, pois, seja como sintoma ou imagem, a doença realiza um retorno constante, afastando o sucesso de qualquer tentativa humana de dizimá-la. A marca pútrida é original, não há como afastar-se dela. Portanto, há um retorno à temática da morte, visto ser essa mais uma das representações poéticas perceptíveis na obra de Augusto dos Anjos. As imagens que gravitam em torno desse núcleo temático constituído pelo poeta conferem visibilidade a cenas incômodas, por vezes aterrorizantes, o que geralmente se constitui como elemento de choque nas experiências de recepção literária. Para aprofundarmos tais reflexões torna-se crucial analisar a textura poética de Augusto dos Anjos, conforme faremos na seção a seguir.

Mosaico de moléstias, terror e consciência aguda

O sentido de terror presente na poética de Augusto dos Anjos se verifica a partir da constatação e do movimento de tomada de consciência. Nesse percurso, experimenta-se a dor. Essa dor não é apresentada como transitória, pois o caráter de fixidez é o que permite a sua perpetuação. Sendo assim, não há maneira eficaz para escapar a tal destino: a desgraça vem a ser uma sombra da qual o homem não consegue se desvincular. É possível falar da dor provocada pela tomada de consciência, por um lado, e de uma comunhão dolorosa, por outro, ressaltando que esse aspecto pode provocar aproximação entre poeta e leitoras/es ou, por outro lado, motivar um distanciamento radical da poética de Augusto dos Anjos.

O poema “Os Doentes” representa muito bem o que aqui se discute e será abordado como centro em torno do qual gravitam os demais poemas passíveis de análise. Não só o referido poema, mas toda a obra *EU* revela um

problema essencial da condição humana: o mal; e assim tal poética aponta para a angústia proveniente da tentativa de conferir significado a um mundo insensato. Considerado como elemento excludente num mundo desordenado, no *EU* não existe espaço para o otimismo, pois a ameaça aterrorizante do mal se apresenta de forma cíclica atravessando a condição humana.

O citado poema revela a representação pormenorizada de um mosaico de moléstias e todas elas convergem para o signo da angústia do homem moderno, mergulhado numa realidade tumultuária, fragmentada e sob a dominação de uma ideia de progresso que se sustenta em desigualdades. Se há a representação da cidade, ela está consolidada como “cidade dos lázaros”, “urbe natal do Desconsolo”. A primeira e a segunda partes do poema “Os Doentes”, dedicadas à ambientação, resvalam em pura angústia, que é perceptível pela imagem, pelo ar, som, cheiro e gosto da amargura – o que pode ser interpretado como um apelo sinestésico, conforme se faz perceptível nos trechos a seguir:

Minha angústia feroz não tinha nome.
Ali, na urbe natal do Desconsolo,
Eu tinha de comer o último bolo
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudosalmo.
Contrastando, entretanto, com o ar convulso
A noite funcionava como um pulso
Fisiologicamente muito calmo.
.....
Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro
Reboava. Além jazia aos pés da serra,
Criando as superstições de minha terra,
A queixada específica de um burro
.....
A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora,
o álamo
E a câmara odorífera dos sumos
Absorvem diariamente o ubérrimo húmus
Que Deus espalha à beira do teu tálamo!
 (“Os doentes”)

A partir de tal forma de percepção, nota-se uma transfiguração do real que, nas mais variadas formas representativas, irá concretizar o lado trágico, contaminado e ameaça-

dor da vida. A cidade repousante passa a ser uma cascavel enroscada, a terra é um “fígado doente”, “uma garganta de órfã”, os céus são reduzidos a uma “epiderme cheia de sarampos”. Tal representação da cidade contaminada expressa também o ar infecto que anuncia a destruição sempre iminente. É a transmutação da cidade em um organismo doente o que mais impressiona nas duas primeiras partes d’Os doentes. Uma corrente de apelos sinestésicos interliga essas duas partes, como numa espécie de anúncio ao leitor/à leitora: esse organismo doente é também você.

O sujeito poético figura como companheiro da morte, testemunha da destruição. Nesse processo, o eu que compõe tais cenas não é neutro nem se situa à distância, pois está invadido por essa contaminação. Afinal, é o ar que anuncia e transporta a pestilência e como este é um elemento vital, a morte passa a ser o ar que se respira, resultando num exercício poético de impressionante violência aos sentidos. Ou seja, esse sujeito vai sendo contaminado sem perceber – e passa a trazer a morte dentro de si. E é somente com o exercício do pensar, indispensável à condição de compor/dizer, que esse ser se dá conta do contágio. Vejamos os fragmentos a seguir (com grifos nossos):

.....
Somente na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!
.....

Pensava! E em que eu pensava não me pergunes!

.....
Nos de teu curso desobstruídos trilhos,
Apenas eu compreendo, em quaisquer horas,
O hidrogênio e o oxigênio que tu choras
Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito,
A incógnita psique das massas mortas
Que dormem, como as ervas, sobre as hortas,
Na esteira igualitária do teu leito! (“Os Doentes”)

Na terceira parte do referido poema há um aspecto intrigante: a comunhão da dor

expressa pela “camaradagem da moléstia”. Uma camaradagem que remonta a outras eras, uma “tosse hereditária”, portanto, desgraça constantemente renovada. Vale dizer que há a instituição de um regime pestilento, o qual nor-teia o comportamento coletivo e altera as formas de viver - e de morrer. A doença geral promove a igualdade entre os humanos. É a partir do momento em que se considera a doença sob esse prisma que a situação vai se tornar uma ameaça, pois, se a moléstia fosse individual talvez se tornasse mais fácil manter um afastamento na atividade – ingloria – de a descrever (e, conseqüentemente, sentir). Representada como condição humana, a pestilência caracteriza a existência do sujeito poético e o interliga ao/à leitor/a. Novamente temos um fragmento que indica a destruição como elemento pulsante no para além da aparência e pretensa calma cotidiana:

Dormia embaixo com a promíscua véstia
No embotamento crasso dos sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia. (“Os Doentes”)

Esse é o aspecto que gera o terror no sujeito que problematiza, pois o único alívio seria a transmutação em não consciência já que o seu exercício (de narrar/dizer) o direciona para a dor de saber. Em ambos os casos, a agonia experimentada pelo enfermo é sentida pelo observador-sujeito poético, a qual, por sua vez, é consubstanciada ao leitor/à leitora. Esse ciclo perverso sustenta o que denominamos como santa ceia da dor nas representações da morte: do banquete poético engendrado por Augusto dos Anjos não se pode sair imune/inerte. A consciência aziaga dilacera o sujeito pensante de tal forma que, nas experimentações do desespero, surge – na da poética augustiana – o desejo de objetificação, a inveja à felicidade das *cousas*. Exemplificamos o que aqui se discute com alguns fragmentos do mesmo poema “Os doentes”, por considerá-los emblemáticos desse desejo de não consciência:

Oh! Desespero das pessoas tísicas,
Adivinhando o frio que há nas lousas,
Maior felicidade é a destas cousas

Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência! (“Os Doentes”)

Vomitando a existência e ver refletida a consciência infeliz dialoga com a consciência da morte. Significa morrer desesperado, mas lúcido, inundado por uma má consciência da condição desgraçada do homem. Mas essa experiência é indizível, não existe vocábulo capaz de descrever o terror que lhe é associado. Daí, no caso da poética de Augusto dos Anjos, e como foi dito anteriormente, a identificação do sujeito poético com seres sofrendores/inferiores que estão sob essa condição, principalmente por estarem impossibilitados de dizer. Na segunda parte do referido poema temos uma aproximação entre o “ruído desenganado das cadelas / e o gemido dos homens bexigosos”. Essa falência da linguagem verbal também está presente na terceira parte, quando da nova caracterização do tísico - mais um sujeito situado nessa esfera ínfera-interior:

Querer dizer da angústia de que é pábulo,
E com a respiração já muito fraca
Sentir como que a ponta de uma faca,
Cortando as raízes do último vocábulo!

Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão (...) (“Os Doentes”)

A quarta parte do poema expressa uma transformação do ambiente: “começara a chover”. Mas a chuva, que poderia significar a possibilidade de renovação, que poderia lavar a sujeira, escoar os coágulos, banir a doença, só vem para acentuar degenerescências. A pluviosidade “encharcava os buracos das feridas, / alagava a medula dos Doentes!”. No entanto, a

chuva também simboliza uma ilusão de ótica, antes uma trégua do que a finalização da doença e da morte – aspecto que será detalhado a seguir.

No poema em questão vale ressaltar a série descritiva dos ruídos da morte, representados por metáforas aterradoras que desafiam o leitor/a leitora e promovem o envolvimento do mesmo num processo dialógico de desassossego. Esse aspecto pode ser notado no seguinte fragmento:

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda

Mais recôndita da alma brasileira! (“Os doentes”)

No fragmento poético acima temos a caracterização de mais uma doença virtualizada nos inúmeros sintomas da exclusão social a que está submetida a população indígena brasileira. Moléstia ainda mais aterradora, não mais a gripe ou as doenças venéreas, mas a pobreza extrema, rodeada das demais pestilências do progresso. A realidade infecta que permeia a taba dos “selvagens” não é uma realidade apenas do presente; mas enquanto representação da perpetuação da dor, ela também é histórica. Tradição ou praga transmitida para as gerações posteriores, ferida impossível de ser estancada, mazela característica do progresso, por isso mesmo vai se aprofundando e nunca dá trégua aos infectados.

Por meio da abordagem do “achincalhamento do progresso”, ratifica-se o diálogo conflituoso entre o *EU* e o contexto brasileiro no entre-séculos XIX e XX. Trata-se da alegoria de um tempo em desajuste, em que, apesar de toda a supremacia técnico-científica, é possível duvidar das benesses da civilização ocidental. A violência que permeia o ato fundacional de qualquer colonização e a disputa bélica revelam alguns dos diversos malogros da noção eurocêntrica de progresso. Surge o questionamento: até que ponto o progresso necessariamente pode garantir a felicidade do homem? A história vem desmentir tal esperança e é aí que o homem moderno passa a, freneticamen-

te, buscar estratégias que o ajudem a suportar o terror da história.

A marca pútrida é original e não há escapatória ao selo carimbado na condição humana. Somente essa podridão pode colocar os homens em condição igualitária, transformando a humanidade num torpe exército de desgraçados, sempre fracassados, sempre vencidos. Aliás, este é um adjetivo recorrente na poética de Augusto dos Anjos, compondo o título de dois sonetos: “Psicologia de um Vencido” e “Vencido”, surgindo diretamente ou por meio de sinônimos em outras construções poéticas. O *lázaro*, o poeta, o filósofo, os doentes, as prostitutas, os indígenas, os negros, os bêbados, as mães, os filhos bastardos, o artista são variações de uma população derrotada e desterrada, que perambula sem êxito pela urbe desolada. E é por constatar isso que, na quinta parte d’*Os Doentes*, há um embate impressionante, mobilizando forças antagônicas e revelando imagens paradoxais: “mães sem coração” X “filhos bons”; ou um “abracadabra horrível” – sempre indicando o fracasso humano.

Essa marca pútrida humana contrasta com uma sede de conforto e gera, a partir da não resolução de tal dilema, uma pulsão de morte – desejo de não ser, não saber, de miniaturizar-se, consubstanciar-se com a podridão. Nesse sentido é que o *EU* pode ser considerado como materialização de tal estratégia desesperada:

.....
Todos os vocativos blasfemos
No horror daquela noite monstruosa
Maldiziam, com voz estentorosa,
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ânsia de conforto
De cada ser, ex: o homem, o ofídio,
Uma necessidade de suicídio
E um desejo de ser morto. (“Os doentes”)

A impossibilidade de se estancar a dor representa um ciclo das enfermidades e é o que provoca, no *EU*, uma série de gestos inconclusos, promessas não cumpridas e a paralisação: a virgindade apodrecida, a felicidade adiada, a angústia cotidianamente renovada, o ventre

estéril, as mamas sem leite, a beleza decrépita. São essas imagens, inseridas na sexta parte do poema, que estão aproximadas das mulheres que povoam as zonas tórridas, os prostíbulos nutridos por migalhas financeiras.

E estais velha! – De vós o mundo é farto,
E hoje, que a sociedade vos enxota,
Somente a bruxa negra da derrota
Frequêntam diariamente vosso quarto!

Prometem-vos (quem sabe?!) ante os ciprestes
Longe da mancebia dos alcouces,
Nas quietudes nirvânicas mais doces,
O noivado que em vida não tivestes! (“Os doentes”)

A pulsão de morte, o desejo de pôr fim à sua própria vida é em vão: os homens são pestilentos. E como trazem a peste dentro de si, reconhecer essa característica é considerar que toda a humanidade traz em si o seu próprio inferno. Não será possível, ainda que o final d’*Os Doentes* assim o sugira, construir expectativas com relação a outra realidade. Aliás, esse também passará a ser um ato inconcluso: a gestação de outra humanidade, expectativa que não se conclui nos demais poemas que compõem o *EU*. Por hora, fazemos referência a outro poema que também expressa a inconclusão, agora, sob o recurso de uma ferrenha ironia:

Budismo Moderno

Tome, Dr, esta tesoura, e... corte...
Minha singularíssima pessoa.
Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!
Ah! Um urubu pousou na minha sorte!
Também, das diatomáceas da lagoa
A criptógama cápsula se esbroa,
Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida
Igualmente a uma célula caída
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades
Fique batendo nas perpétuas grades
Do último verso que eu fizer no mundo!

A impossibilidade da felicidade gera uma esperança estéril, que pode ser considera-

da como uma insistência do homem em se iludir. Ela é o seu remédio diário para enfrentar a condenação. O homem moderno é, então, esse ser abandonado pela esperança, pela glória e, principalmente, por Deus. Portanto, a única dignidade humana é a revolta contra tal condição – o que também não põe fim ao absurdo da vida. A Arte seria, então, a única desforra possível sobre uma natureza que nos nega (Cf. CIORAN, 2000). Seria a única forma de “esculpir a humana mágoa” - como está muito bem representado no poema “Monólogo de uma Sombra” - porque não ocultaria a imperfeição dos detalhes (“As Cismas do Destino”). Daí a constatação convulsa do poeta: “Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!” (“Os Doentes”).

Importante, na poética de Augusto dos Anjos, chamar a atenção para o caráter de inconclusão, para a cena intervalar do gesto paralisado, pois é esse o aspecto que vem revelar a impossibilidade de satisfação humana. A impressão da trégua é uma ilusão e essa perspectiva é bastante recorrente no *EU*. Esse malentendido irreparável prova de que a moléstia, enquanto representação da morte, retornará. Vive-se o dilema: é possível viver em harmonia com a morte? A insolubilidade de tal questionamento se expressa no insistente retorno, conforme fragmentos poéticos a seguir:

.....
Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um darto se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
.....
 (“Monólogo de uma Sombra”)

Ah! Como o ar imortal a dor não finda!
 (“As Cismas do Destino”)

Bati nas pedras dum tormento rude
E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a tristeza é minha única saúde.
 (“Queixas Noturnas”)

É preciso conservar um ar de desconfiança, sob pena de não ser possível conseguir viver. Essa estratégia é que vai garantir, não um alívio,

mas um ceticismo necessário para se enfrentar a vida com lucidez. Eis a necessidade de morrer irreconciliado, e não de bom grado, como se refere Albert Camus, em “O Homem Revoltado”. Segundo Dastur (2002), o homem “morre sempre antes de ter esgotado todas as possibilidades de seu ser, de modo que sua morte se apresenta como uma violência, impedindo-o de realizar algo que ainda está por ser feito.” (p. 96). O caráter de incompletude define o homem com relação aos demais seres e instala o sentido do vazio, compondo um retrato que não chegou a se realizar – força desperdiçada numa vida frustrada.

O próprio ato de nascer é um colocar-se diante da morte e afasta a possibilidade de o ser humano manter-se livre diante de tal condição, ele apenas pode ser “livre para ela” (DASTUR, 2000, 99). Esse labor funéreo indica um perpétuo fazer a vida para engendrar a morte e indica que o homem “existe mortalmente em todo o decorrer da vida” (p. 100). Essa condição se revela com o nascer e, sendo assim, a morte é a finitude essencial estrategicamente ignorada e transmutada em acontecimento trágico que põe fim ao viver. Daí ser considerada como violência. Ou seja, se nascer e viver significam caminhar para a morte, subverte-se essa ordem alimentando o silenciamento e a crença no adiamento da nossa mortalidade.

Na poética de Augusto dos Anjos tem-se a estratégia de personificação e feminilização da morte como uma das formas de representação. Para tanto, as imagens da mulher-mãe e todas as imagens que a ela se relacionam (ventre, amamentação, alimentação, fertilidade) representam, no lugar da proteção, a maldição. A imagem feminina, simbolizada por meio do recurso literário da idealização e/ou perfeição, agora não mais pode atender a tal pressuposto – eis um categórico afastamento estético que Augusto dos Anjos realiza.

Essa estratégia poética vai revelando um aspecto aterrador, na medida em que da esperada candura materna somos (leitores/as) lançados/as para os maus tratos de uma mãe impiedosa – madrasta má. É sobretudo o nojo que o ventre inspira que se torna aspecto incô-

modo na poética em questão. A propósito de tal aspecto, o crítico Luiz Costa Lima (1991) observa que em Augusto dos Anjos há um horror às origens, que se expressa por meio da deserotização da linguagem e afastamento dos mitos e preceitos religiosos cristãos. Como se poderia interpretar, o horror às origens não significa um combate à sexualidade, mas antes o reconhecimento de que os aspectos da geração da vida estão atrelados à contaminação e maldição da morte – o que novamente nos remete à interpretação da marca pútrida original da condição humana.

Restituindo o fio que nos liga à poética augustiana

Considerando as discussões realizadas até aqui, ainda que de forma breve, concluímos que a poética de Augusto dos Anjos ressignifica elementos cotidianos para enfatizar a degeneração ininterrupta. Esse percurso reflexivo nos faz pensar que, num mundo equilibrado pelo terror, numa época de crise, o criador e a criação também passam a estar em crise. Nesses termos, consideramos que escrever se consitui num exercício todo feito de contrações, em que o sujeito é desafiado/provocado até às últimas consequências a responder os insultos do cotidiano com os seus contragolpes, no caso, as imagens poéticas. Tal reflexão nos põe em diálogo com Cioran: “a expressão é alívio, desforra indireta daquele que não consegue digerir uma vergonha e que se revolta em palavras contra os seus semelhantes e contra si mesmo” (2000, p.123).

Essa profunda alteração – que abomina os quadros idealizantes – representa uma reação estética a modelos de sociedade que têm na acumulação e no ideal de progresso seus eixos norteadores. A cisão do mundo moderno condenou o dizer poético à desimportância, na medida em que homens, assim como os objetos, passaram a ser considerados a partir do signo da produtividade. É dessa forma que, para sobreviver às formas de controle, a poesia no contexto da modernidade aproxima-se da estranheza; numa resistência simbólica aos discursos dominantes, como uma possibilidade histórica (Bosi, 1990, p. 153). Tal propósito traz,

como explicitado anteriormente, atributos fundamentais à linguagem poética, porém, é por meio de uma lucidez impressionante e da *consciência infeliz* que se atinge o signo do desencantamento, de um lirismo descontente com as formas legitimadas.

Somente tais estratégias de criação são possíveis num contexto de luta constante, em que se torna imprescindível a oposição e resistência a uma ordem enganosa, ilusória, questionável. A resistência, no universo artístico de Augusto dos Anjos, consiste em estratégias de recusa aos modelos e fortalecimento de um doloroso processo consciente sobre o ser-estar no mundo. Com isso, ao nos debruçarmos sobre tal produção encontramos-nos envolvidas/os por uma poesia deformada, *perversa*, dissonante. Salientamos que a poética de Augusto dos Anjos, inscrita em tal condição, revela uma angústia característica daqueles que atingem a consciência de tudo o que é subterrâneo e asfixiante, dos elementos que ardem, em meio a todas as tentativas de abafamento. Por conta disso, fazer tal angústia emergir torna-se tarefa incontrolável ou até mesmo impossível de ser realizada, senão pela apreensão da linguagem poética. Afinal, como o próprio poeta sentenciou:

.....
Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de um a planície alegre
A aspereza orográfica do mundo!
("Monólogo de uma Sombra")

Precisamos reconhecer que o acolhimento e a análise da poética de Augusto dos Anjos ainda são lacunares nos estudos literários brasileiros. Afinal, estamos nos referindo a um escritor que ainda hoje é evitado pela academia e que historicamente foi submetido a muitas interpretações equivocadas por parte da crítica literária brasileira. Anjos, com a sua poética dissonante, vem extravasar essa impossibilidade de "inocência" ante o mundo. As formas de representar a morte são uma estratégia eficaz para que a sua poética atinja tal propósi-

to. Portanto, surge a necessidade de considerar a obra de Augusto dos Anjos num cenário distinto da crítica literária hegemônica. Daí a importância de se reafirmar a impossibilidade de atribuir *rótulos* à poética de Augusto dos Anjos, dados os aspectos atemporais e a diversidade estética que se expressam na sua obra. Ainda haveremos de retornar muitas vezes à poética-esfíngica de Augusto dos Anjos e, desse mergulho, sairemos com o acre sabor da incompletude.

Referências

- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 9. ed.; com um estudo sobre o poeta, de Antônio Torres. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1941.
- BOSI, Alfredo. "Poesia resistência". In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BUENO, Alexei (org.). *Obra completa Augusto dos Anjos*; organização e notas de. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*, 4. Ed; tradução Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CIORAN, E. M. . Confissão resumida. In: *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*; prefácio e tradução José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 123-24
- DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*; tradução de Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de "envelhecer e morrer"; tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HELENA, Lúcia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- LIMA, Luiz Costa. "A origem como extravio". In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991. p. 221-40
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. "Imagens Obsessivas em Augusto dos Anjos". In: ANJOS, Augusto dos. *Antologia Poética de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. "O artesanato em Augusto dos Anjos". In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo;

Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*, vol. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COMO CITAR

NASCIMENTO, D. G. Mosaico de moléstias: panorama da pestilência humana na poética de Augusto dos Anjos. *Revista Cerrados*, 31(59), p. 78–89. 2022. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i59.42208>